

O Livro de Urântia

<< [Documento 173](#) | [Partes](#) | [Índice](#) | [Documento 175](#) >>

Documento 174

Terça-Feira de Manhã no Templo

174:0.1 (1897.1) POR VOLTA das sete horas, nessa terça-feira pela manhã, Jesus encontrou-se com os apóstolos, o corpo de mulheres e ainda uns vinte e quatro outros discípulos proeminentes, na casa de Simão. Nessa reunião ele despediu-se de Lázaro, passando-lhe a instrução que o levou a fugir logo para a Filadélfia, na Peréia, onde mais tarde ligou-se ao movimento missionário cuja sede situava-se naquela cidade. Jesus também disse adeus ao idoso Simão; e deu o seu conselho de despedida ao corpo de mulheres, nunca mais se dirigindo de novo a elas formalmente.

174:0.2 (1897.2) Nessa manhã, Jesus saudou cada um dos doze com palavras pessoais. A André ele disse: “Não te desanimes com os acontecimentos que temos pela frente. Mantém um controle firme dos teus irmãos e cuida para que não te vejam abatido”. A Pedro, ele disse: “Não ponhas a tua confiança na força do teu braço, nem nas armas de aço. Estabelece-te nas fundações espirituais das rochas

eternas”. A Tiago, Jesus disse: “Não hesites por causa das aparências externas. Permanece firme na tua fé; e logo saberás da realidade daquilo em que crês”. A João, ele disse: “Sê gentil; ama até mesmo os teus inimigos; sê tolerante. E lembra-te de que eu confiei muitas coisas a ti”. A Natanael, Jesus disse: “Não julgues pelas aparências; permanece firme na tua fé, quando tudo parecer desabar; sê fiel à tua missão como embaixador do Reino”. A Filipe, ele disse: “Permanece impassível diante dos acontecimentos que agora são iminentes. Mantém-te inabalado, mesmo quando não puderes ver o caminho. Sê leal ao teu juramento de consagração”. A Mateus, ele disse: “Não te esqueças da misericórdia que te recebeu no Reino. Que nenhum homem te trapaceie quanto à tua recompensa eterna. Do mesmo modo que resististe às inclinações da natureza mortal, esteja disposto a ser imperturbável”. A Tomé, ele disse: “Não importa quão difícil possa ser, agora deverás caminhar pela fé e não apenas pelo que os teus olhos vêem. Não duvides de que sou capaz de terminar a obra que iniciei; nem de que finalmente ainda verei todos os meus fiéis embaixadores, no futuro do Reino”. Para os gêmeos Alfeus, ele disse: “Não vos deixeis subjugar pelas coisas que não podeis compreender. Sede fiéis ao afeto dos vossos corações e não depositeis a vossa confiança nos grandes homens, nem na atitude inconstante do povo. Permanecei junto aos vossos irmãos”. A Simão zelote, ele disse: “Simão, tu podes estar despedaçado pelo desapontamento, mas o teu espírito elevar-se-á acima de tudo o que suceder. O que não conseguiste aprender de mim, o meu espírito te ensinará. Busca as realidades verdadeiras do espírito e cessa de atrair-te para as sombras do irreal e do material”. E, para Judas Iscariotes, ele disse:

“Judas, eu tenho te amado e tenho orado para que ames os teus irmãos. Não te canses de fazer o bem; e eu gostaria de prevenir-te para que tomes cuidado com os trajetos escorregadios da adulação e com os dardos envenenados do medo de ser ridicularizado”.

174:0.3 (1897.3) E quando concluiu essas saudações, partiu para Jerusalém com André, Pedro, Tiago e João, enquanto os outros apóstolos ocupavam-se de estabelecer o acampamento do Getsêmani, para onde dirigir-se-iam nessa noite e onde instalariam a sede-central para o restante da vida do Mestre na carne. Na metade da descida do monte das Oliveiras, Jesus parou e conversou por mais de uma hora com os quatro apóstolos.

1. O Perdão Divino

174:1.1 (1898.1) Pedro e Tiago haviam-se empenhado, durante vários dias, em discutir as suas diferenças de opinião sobre os ensinamentos do Mestre a respeito do perdão do pecado. Ambos concordaram em expor a questão a Jesus; e Pedro aproveitou essa ocasião como uma oportunidade apropriada para obter o conselho do Mestre. Assim, Simão Pedro interrompeu a conversa sobre as diferenças entre a louvação e a adoração, perguntando: “Mestre, Tiago e eu não temos a mesma idéia a respeito dos teus ensinamentos sobre o perdão do pecado. Conforme Tiago, tu ensinas que o Pai nos perdoa mesmo antes de lhe pedirmos; e eu sustento

que o arrependimento e a confissão devem preceder o perdão. Qual de nós está certo? O que dizes?”

174:1.2 (1898.2) Depois de um breve silêncio, Jesus olhou de modo significativo para todos os quatro e respondeu: “Meus irmãos, vos equivocais nas vossas opiniões, porque não compreendeis a natureza das relações íntimas e amorosas entre a criatura e o Criador, entre homem e Deus. Não captastes a simpática compaixão que o sábio pai nutre pelo seu filho imaturo e, mesmo, algumas vezes equivocado. De fato, é questionável que pais inteligentes e afetuosos sejam algum dia chamados a perdoar a um filho normal comum. As relações de entendimento ligadas às atitudes de amor impedem eficazmente todos os distanciamentos que mais tarde requerem o reajuste pelo arrependimento da parte do filho, para ter o perdão do pai.

174:1.3 (1898.3) “Uma parte de todo pai vive no filho. O pai desfruta de prioridade e superioridade na compreensão, em todas questões ligadas à relação filho-pai. O pai é capaz de perceber a imaturidade do filho à luz da maturidade paterna mais elevada, da experiência amadurecida de companheiro com mais idade. No caso do filho terreno e do Pai celeste, o Pai divino possui a compaixão de um modo infinito e divino, bem como capacidade de entendimento por meio do amor. O perdão divino é inevitável, inerente e inalienável à compreensão infinita de Deus, no seu conhecimento perfeito de tudo que concerne ao julgamento equivocado e à escolha errônea do filho. A justiça divina é tão eternamente equânime, que infalivelmente vem junto com a misericórdia da compreensão.

174:1.4 (1898.4) “Quando um homem sábio compreende os impulsos interiores dos semelhantes, ele há de amá-los. E quando amais o vosso irmão, já o perdoastes. Essa capacidade de compreender a natureza do homem e de perdoar seus erros aparentes é divina. Sendo pais sábios, desse modo, ireis amar e compreender vossos filhos, e até perdoá-los, quando um desentendimento transitório aparentemente vos houver separado. O filho, por ser imaturo e por faltar-lhe um entendimento mais pleno, da profundidade da relação filho-pai, freqüentemente é possuído por um sentimento de culpa pelo seu distanciamento da aprovação completa do pai; mas o pai verdadeiro não toma consciência de tal separação. O pecado é uma experiência da consciência da criatura, não é parte da consciência de Deus.

174:1.5 (1898.5) “A vossa incapacidade ou falta de disposição de perdoar os vossos semelhantes é a medida da vossa imaturidade, do vosso insucesso em alcançar a compaixão amadurecida, a compreensão e o amor. Vós mantendes rancores e nutris idéias de vingança na proporção direta da vossa ignorância sobre a natureza interior e as verdadeiras aspirações dos vossos filhos e vossos semelhantes. O amor é uma realização do impulso divino interno da vida. Ele baseia-se na compreensão, nutre-se do serviço não-egoísta e aperfeiçoa-se na sabedoria”.

2. Perguntas dos Dirigentes Judeus

174:2.1 (1899.1) Na segunda-feira à noite foi realizado um conselho do sinédrio com uns cinquenta outros líderes selecionados entre escribas, fariseus e saduceus. Essa assembléia chegou ao consenso geral de que seria perigoso prender Jesus em público, por causa da sua influência sobre os sentimentos do povo comum. E também a opinião da maioria foi a de que um certo esforço deveria ser feito a fim de desacreditá-lo aos olhos da multidão, antes que fosse preso e trazido a julgamento. E, assim, vários grupos de homens eruditos foram designados para estarem disponíveis na manhã seguinte, no templo, a fim de preparar armadilhas para ele, com perguntas difíceis, e buscar embaraçá-lo de outros modos perante o povo. Finalmente, fariseus, saduceus e, mesmo, herodianos estavam todos unidos nesse esforço para desacreditar Jesus aos olhos das multidões da Páscoa.

174:2.2 (1899.2) Na terça-feira pela manhã, quando Jesus chegou à praça do templo e começou a ensinar, mal havia dito umas poucas palavras quando um grupo de estudantes mais jovens, das academias, o qual havia sido ensaiado com esse propósito, adiantou-se, e o seu porta-voz dirigiu-se a Jesus: “Mestre, sabemos que és um instrutor íntegro, como sabemos que tu proclamas os caminhos da verdade, e que serves apenas a Deus; que não temes a nenhum homem e não tens preferência por nenhuma pessoa. Somos apenas estudantes e gostaríamos de saber a verdade sobre uma questão que nos perturba; a nossa dificuldade é esta: é lícito que devemos pagar o tributo a César? Devemos pagar ou não devemos pagar?” Jesus, percebendo a hipocrisia e a artimanha deles, lhes disse: “Por que vindes assim para

tentar-me? Mostrai-me o dinheiro do tributo e eu vos responderei”. E quando eles lhe entregaram um denário, ele examinou-o e disse: “Esta moeda traz a imagem e a subscrição de quem?” E, então, lhe responderam: “De César”. E Jesus disse: “Dai a César as coisas que são de César, e dai a Deus as coisas que são de Deus”.

174:2.3 (1899.3) Depois de responder assim, a esses jovens escribas e aos seus cúmplices herodianos, eles retiraram-se da sua presença; e o povo, mesmo os saduceus, apreciou o desconforto em que ficaram. Mesmo os jovens que haviam participado dessa armadilha maravilharam-se bastante com a sagacidade inesperada da resposta do Mestre.

174:2.4 (1899.4) No dia anterior, os dirigentes haviam tentado uma armadilha para pegá-lo diante da multidão, em questões sobre a autoridade eclesiástica, e, havendo fracassado, agora buscavam envolvê-lo em uma discussão lesiva sobre a autoridade civil. Tanto Pilatos quanto Herodes estavam em Jerusalém nesse momento; assim, os inimigos de Jesus conjecturaram que, se ele ousasse prevenir contra o pagamento do tributo a César, poderiam ir imediatamente perante as autoridades romanas e acusá-lo de sedição. Se aconselhasse, com todas as letras, o pagamento do tributo, por outro lado, previu com acerto, um tal pronunciamento feriria em muito o orgulho nacional dos seus ouvintes judeus, afastando de si toda a boa-vontade e a simpatia da multidão.

174:2.5 (1899.5) Em tudo, os inimigos de Jesus foram derrotados, posto que um regulamento bem conhecido do sinédrio, feito para orientar os judeus dispersos entre as nações gentias, dizia que “o direito de

cunhar moedas traz consigo o direito de coletar impostos”. Desse modo Jesus escapou de cair na armadilha deles. Se tivesse respondido “não” à pergunta deles teria sido equivalente a incitar a rebelião; se tivesse respondido “sim”, teria chocado o arraigado sentimento nacionalista daquela época. O Mestre não fugiu da pergunta; meramente empregou a sabedoria de uma resposta ambivalente. Jesus nunca se mostrava evasivo, era sempre sábio para lidar com aqueles cuja intenção fosse fustigá-lo e destruí-lo.

3. Os Saduceus e a Ressurreição

174:3.1 (1900.1) Antes que Jesus pudesse começar o seu ensinamento, outro grupo se adiantou para fazer perguntas, desta vez eram os eruditos e astutos saduceus. O porta-voz deles, aproximando-se de Jesus, disse: “Mestre, Moisés disse que se um homem casado morresse, sem deixar filhos, o seu irmão deveria ficar com a viúva, engendrando assim uma descendência para o irmão morto. Pois bem, agora aconteceu um caso em que um certo homem que tinha seis irmãos morreu sem deixar filhos; o seu segundo irmão ficou com a sua esposa, mas logo também morreu, não deixando filhos. Do mesmo modo, o irmão seguinte tomou a mulher, mas também morreu, não deixando prole. E assim foi, até que todos os seis irmãos haviam ficado com a mulher, e todos os seis morreram sem deixar filhos. E então, depois de todos eles, a própria mulher morreu.

Agora, o que gostaríamos de perguntar é o seguinte: Na ressurreição ela será esposa de quem, já que todos os sete irmãos a tiveram?”

174:3.2 (1900.2) Jesus sabia, e também o povo, que esses saduceus não estavam sendo sinceros ao fazer essa pergunta, porque não era provável que um tal caso realmente ocorresse; além do que, essa prática dos irmãos de um homem morto, na busca de dar-lhe filhos, era praticamente uma letra morta entre os judeus. Jesus, entretanto, condescendeu em responder à pergunta maliciosa deles. Ele disse: “Todos vós vos enganais ao fazer tal pergunta, porque não conheceis nem as escrituras, nem o poder vivo de Deus. Sabeis que os filhos deste mundo podem casar e ser dados em matrimônio; mas não pareceis compreender que aqueles que são considerados dignos de alcançar os mundos que estão por vir, depois de passarem pela ressurreição dos justos, nem se casam nem são dados em matrimônio. Aqueles que experimentam a ressurreição dos mortos são mais como os anjos do céu, e nunca morrem. Esses ressuscitados são eternamente filhos de Deus; eles são filhos da luz, ressuscitados, para progredirem na vida eterna. E, até mesmo o vosso pai Moisés compreendeu isso, pois, em relação às suas experiências com o ramo em chamas, ele ouviu o Pai dizer: ‘Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaac, e o Deus de Jacó’. E assim, junto com Moisés, eu declaro que o meu Pai não é o Deus dos mortos, mas dos vivos. Nele todos vós viveis, reproduzis e possuis a vossa existência mortal”.

174:3.3 (1900.3) Quando Jesus acabou de responder a essas questões, os saduceus retiraram-se e alguns dos fariseus tanto esqueceram de si que exclamaram: “É verdade, é verdade, Mestre, respondeste bem a

esses saduceus descrentes”. Os saduceus não ousaram fazer-lhe mais perguntas, e a gente comum ficou maravilhada com a sabedoria do ensinamento de Jesus.

174:3.4 (1900.4) No seu encontro com os saduceus, Jesus apenas recorreu a Moisés porque essa seita político-religiosa só reconhecia a validade de cinco dos chamados Livros de Moisés; eles não aceitavam que os ensinamentos dos profetas fossem admissíveis como base dos dogmas da doutrina. O Mestre, na sua resposta, embora afirmasse positivamente o fato da sobrevivência das criaturas mortais, por meio da técnica da ressurreição, não aprovou, em nenhum sentido, as crenças farisaicas na ressurreição literal do corpo humano. O ponto que Jesus desejou enfatizar foi o de o Pai haver dito: “Eu *Sou* o Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó; e não Eu *fui* o Deus deles”.

174:3.5 (1900.5) Os saduceus haviam pensado em sujeitar Jesus à influência desmoralizante do *ridículo*, sabendo muito bem que a perseguição em público, sem dúvida, acarretaria mais simpatia para ele, nas mentes da multidão.

4. O Grande Mandamento

174:4.1 (1901.1) Outro grupo de saduceus havia sido instruído a fazer perguntas embaraçosas a Jesus, sobre os anjos, mas, quando viram a sorte dos camaradas que haviam tentado jogá-lo na armadilha, com as perguntas a respeito da ressurreição, decidiram sabiamente ficar

em paz e retiraram-se sem nada perguntar. O plano pré-concebido dos fariseus, escribas, saduceus e herodianos, em aliança, consistia em preencher o dia inteiro com esse tipo de perguntas, esperando, com elas, desacreditar Jesus perante o povo e, ao mesmo tempo, impedir efetivamente que ele tivesse tempo para a proclamação dos seus ensinamentos perturbadores.

174:4.2 (1901.2) Então os grupos de fariseus adiantaram-se para fazer as tais perguntas embaraçosas e o porta-voz deles, sinalizando para Jesus, disse: “Mestre, eu sou um jurista, e gostaria de perguntar-te qual é o mandamento mais importante, na tua opinião?” Jesus respondeu: “Não há senão um mandamento, que é o maior de todos. E este mandamento é: ‘Ouve, ó Israel, o Senhor, nosso Deus, o Senhor é um; e tu amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração e com toda a tua alma, toda a tua mente e toda a tua força’. Esse é o primeiro e o grande mandamento. E o segundo mandamento é como o primeiro; na verdade, brota diretamente dele, e é: ‘Tu amarás ao teu próximo como a ti mesmo’. Não há nenhum outro mandamento maior do que esses; sobre esses dois mandamentos se apóiam toda a lei e os profetas”.

174:4.3 (1901.3) Quando o jurista percebeu que Jesus havia respondido, não apenas de acordo com o mais elevado conceito da religião judaica, mas também com sabedoria à vista da multidão reunida, ele julgou que, como prova de coragem, valia mais que ele louvasse abertamente à resposta do Mestre. E então ele disse: “Na verdade, Mestre, tu disseste bem que Deus é um, e que não há nenhum além dele; e que amar a Deus no fundo do coração, com todo o

entendimento e força, e também amar o semelhante, como a si próprio, é o primeiro grande mandamento; e nós concordamos que esse grande mandamento é muito mais importante do que todo holocausto e sacrifício”. Quando o jurista respondeu assim prudentemente, Jesus, olhando-o de cima, disse: “Meu amigo, percebo que não estás longe do Reino de Deus”.

174:4.4 (1901.4) Jesus dissera a verdade ao afirmar a esse jurista: “Não estás muito longe do Reino”, pois, naquela mesma noite, indo ao acampamento do Mestre, perto do Getsêmani, ele professou a sua fé no evangelho do Reino e foi batizado por Josias, um dos discípulos de Abner.

174:4.5 (1901.5) Dois ou três outros grupos de escribas e fariseus presentes haviam tido a intenção de fazer perguntas, mas, ou foram desarmados pela resposta de Jesus ao jurista, ou foram intimidados pelo desapontamento de todos aqueles que haviam tentado enganá-lo com armadilhas. Depois disso, homem algum ousou fazer-lhe mais perguntas em público.

174:4.6 (1901.6) Quando percebeu que não mais lhe fariam perguntas e como o meio-dia estava próximo, Jesus não retomou o seu ensinamento, contentando-se em fazer aos fariseus, e aos aliados deles, meramente uma pergunta. Disse Jesus: “Posto que não apresentais mais questões, eu gostaria de propor uma: O que pensais do Libertador? Isto é, de quem ele é filho?” Após uma breve pausa, um dos escribas respondeu: “O Messias é filho de Davi”. E posto que Jesus sabia que se havia discutido muito, mesmo entre os seus

próprios discípulos, sobre ser ele ou não filho de Davi, ele fez mais uma pergunta: “Se o Libertador, de fato, é o filho de Davi, como é que, no Salmo que creditais a Davi, ele próprio, falando do espírito, diz: ‘O Senhor disse ao meu senhor, assenta-te à minha mão direita até que eu ponha os teus inimigos como banquetes para os teus pés.’ Se Davi chama a si próprio de Senhor, como ele pode ser o seu filho?”. Embora os dirigentes, escribas e sacerdotes principais não dessem nenhuma resposta a essa pergunta, eles abstiveram-se também de propor outras perguntas que servissem como armadilhas. Nunca responderam a essa pergunta que Jesus lhes fez, mas, depois da morte do Mestre, tentaram escapar da dificuldade mudando a interpretação desse salmo, de modo a fazê-lo referir-se a Abraão em lugar do Messias. Outros procuraram escapar do dilema negando que Davi fosse o autor desse salmo, chamado de messiânico.

174:4.7 (1902.1) Um momento antes, os fariseus haviam desfrutado da maneira pela qual os saduceus tinham sido silenciados pelo Mestre; agora os saduceus deliciavam-se com o fracasso dos fariseus; mas essa rivalidade era apenas momentânea; eles esqueceram-se rapidamente dessas diferenças tradicionais, unindo-se no esforço de dar um fim aos ensinamentos e às obras de Jesus. Mas em todas essas experiências a gente comum ouviu Jesus com contentamento.

5. Os Gregos Indagadores

174:5.1 (1902.2) Por volta do meio-dia, enquanto se ocupava comprando os suprimentos para o novo acampamento, o qual estava sendo instalado naquele dia, perto do Getsêmani, Filipe foi abordado por uma delegação de estrangeiros, um grupo de crentes gregos da Alexandria, Atenas e Roma, cujo porta-voz disse ao apóstolo: “Tu foste indicado a nós por aqueles que te conhecem e, assim sendo, viemos a ti, senhor, com o pedido de ver Jesus, o teu Mestre”.

Tomado de surpresa, por encontrar esses gentios gregos proeminentes e indagadores na praça do mercado e, posto que Jesus havia recomendado tão explicitamente a todos os doze que não se engajassem em qualquer ensinamento público durante a semana de Páscoa, Filipe ficou um pouco confuso quanto à forma certa de lidar com essa questão. Ele havia ficado desconcertado, também, porque esses homens eram gentios estrangeiros. Se fossem judeus, ou gentios da vizinhança, ele não teria hesitado tanto. E o que fez foi o seguinte: pediu a esses gregos que permanecessem exatamente onde estavam. E quando se apressou, saindo dali, eles supuseram que tivesse ido à procura de Jesus, mas, na realidade, ele correu para a casa de José, onde sabia que André e os outros apóstolos estavam almoçando, e, chamando André lá fora, explicou-lhe o propósito da sua vinda, e então, acompanhado de André, ele voltou até onde os gregos esperavam.

174:5.2 (1902.3) Já que Filipe havia quase que terminado a compra de suprimentos, ele e André retornaram, com os gregos, à casa de José, onde Jesus os recebeu; e eles assentaram-se perto dele, enquanto

falava aos seus apóstolos e a um certo número de discípulos importantes, reunidos para esse almoço. Disse Jesus:

174:5.3 (1902.4) “Meu Pai enviou-me a este mundo para revelar a Sua bondade e o Seu amor aos filhos dos homens; mas aqueles, para quem eu vim antes, se recusaram a receber-me. Verdade é que muitos de vós crestes no meu evangelho por vós próprios, mas os filhos de Abraão e os seus líderes estão a ponto de rejeitar-me e, ao fazê-lo, irão rejeitar a Ele que me enviou. Eu tenho proclamado abertamente o evangelho da salvação a esse povo, disse-lhe sobre a filiação com alegria, com liberdade e uma vida mais abundante no espírito. E pois o meu Pai realizou várias obras maravilhosas para esses filhos dos homens tiranizados pelo medo. Mas o profeta Isaías referiu-se verdadeiramente a esse povo quando escreveu: ‘Senhor, quem acreditou nos nossos ensinamentos? E a quem o Senhor foi revelado?’ De fato, os líderes do meu povo cegaram deliberadamente os próprios olhos para não verem; e endureceram os próprios corações para não acreditarem e assim não puderam ser salvos. Em todos esses anos eu tenho buscado curá-los pelas suas descrenças, para que possam receber a salvação eterna do Pai. Sei que nem todos falharam para comigo; alguns de vós de fato crestes na minha mensagem. Nesta sala, agora, estão uns vinte homens que antes foram membros do sinédrio, ou altos membros nos conselhos da nação; mesmo que alguns de vós ainda evitais a confissão aberta da verdade, para que não vos expulsem da sinagoga. Alguns de vós sois tentados a amar a glória dos homens mais do que a glória de Deus.

Mas me vejo obrigado a mostrar paciência para convosco, pois temo pela segurança e lealdade, até mesmo, de alguns daqueles que estiveram por tanto tempo perto de mim, e que viveram tão próximos e ao meu lado.

174:5.4 (1903.1) “Nesta sala de banquete percebo estarem reunidos judeus e gentios em números quase iguais, e eu gostaria de dirigir-me a vós como o primeiro e o último dos grupos aos quais eu posso instruir nos assuntos do Reino, antes de ir para o meu Pai”.

174:5.5 (1903.2) Esses gregos haviam, fielmente, ouvido os ensinamentos de Jesus no templo. Na segunda-feira à noite eles tiveram uma conversa, na casa de Nicodemos, que perdurou até o amanhecer do dia, e levou trinta deles a escolherem entrar no Reino.

174:5.6 (1903.3) Enquanto encontrava-se diante deles, nesse exato momento, Jesus pôde perceber o fim de uma dispensação e o começo de outra. Voltando a sua atenção para os gregos, o Mestre disse:

174:5.7 (1903.4) “Aquele que crê neste evangelho, não crê meramente em mim mas Naquele que me enviou. Quando olhais para mim, vedes não apenas o Filho do Homem, mas também Aquele que me enviou. Eu sou a luz do mundo; e quem crer no meu ensinamento não mais permanecerá na escuridão. Se vós, gentios, ouvirdes a mim, recebereis as palavras da vida e entrareis imediatamente na liberdade jubilosa da verdade da filiação a Deus. Se os meus semelhantes e compatriotas judeus escolherem rejeitar-me e recusar os meus ensinamentos, eu não os julgarei, pois não vim para julgar o mundo, mas para oferecer-lhe a salvação. Aqueles que rejeitarem a

mim e se recusarem a receber o meu ensinamento, entretanto, serão, na época devida, levados a julgamento pelo meu Pai e por aqueles que Ele houver apontado para julgar os que rejeitam a dádiva da misericórdia e as verdades da salvação. Lembrai-vos, todos vós, de que não falo por mim, mas declarei fielmente a vós o que o Pai mandou que eu revelasse aos filhos dos homens. E essas palavras que o Pai mandou que eu dissesse ao mundo são palavras de verdade divina, misericórdia perene e vida eterna.

174:5.8 (1903.5) “Tanto aos judeus quanto aos gentios declaro que é chegada a hora em que o Filho do Homem será glorificado. Bem sabeis que, a menos que um grão de trigo caia na terra e morra, ele permanecerá solitário; contudo, se morre em solo bom, brota de novo para a vida e gera muitos frutos. Aquele que ama egoisticamente sua própria vida corre o perigo de perdê-la, mas aquele que está disposto a dar a própria vida por minha causa e pela causa dessa nova palavra de Deus, desfrutará de uma existência mais abundante na Terra e, no céu, da vida eterna. Se me seguirdes verdadeiramente, mesmo depois que eu tiver ido para meu Pai, tornar-vos-eis meus discípulos e servidores sinceros dos vossos semelhantes mortais.

174:5.9 (1903.6) “Sei que se aproxima a minha hora, e estou inquieto. Percebo que o meu povo está determinado a desprezar o Reino, mas rejubilo-me de receber esses gentios buscadores da verdade que vieram aqui hoje perguntando sobre o caminho da luz. O meu coração dói, entretanto, pelo meu povo; e a minha alma está angustiada pelo que me espera. O que posso dizer, quando olho à

frente e vejo o que está para suceder a mim? Devo dizer: Pai, salva-me dessa hora terrível? Não! Com esse mesmo propósito eu vim ao mundo, e, até mesmo, cheguei a esta hora. Devo antes falar, e orar, para que vos unais a mim: Pai, glorificado seja o vosso nome; seja feita a vossa vontade”.

174:5.10 (1904.1) Quando Jesus disse isso, o Ajustador Personalizado, residente nele antes mesmo da época do seu batismo, apareceu à sua frente, e Jesus fez, bem perceptivelmente, uma pausa, enquanto esse espírito, agora mais poderoso, representando o Pai, dirigiu-se a Jesus de Nazaré, dizendo: “Por muitas vezes Eu glorifiquei o Meu nome nas tuas outorgas, e O glorificarei uma vez mais”.

174:5.11 (1904.2) Conquanto os judeus e os gentios ali reunidos não ouvissem nenhuma voz, eles não puderam deixar de perceber que o Mestre havia feito uma pausa na sua fala enquanto uma mensagem vinha até ele, de alguma fonte supra-humana. Cada um dos homens disse àquele que estava ao seu lado: “Um anjo falou com ele”.

174:5.12 (1904.3) Então, Jesus continuou a explicar: “Tudo isso aconteceu, não por minha causa, mas pela vossa. Eu sei, com toda certeza, que o Pai irá receber-me e aceitar a minha missão em vosso favor, mas é necessário que sejais encorajados e preparados para a prova de fogo que vos espera. Deixai-me assegurar-vos de que a vitória finalmente irá coroar os nossos esforços unidos de iluminar e liberar a humanidade. A velha ordem está levando-se a julgamento; eu derrubei o Príncipe deste mundo; e todos os homens tornar-se-ão livres pela luz do espírito que verterei sobre toda a carne, depois que eu tiver ascendido ao meu Pai no céu.

174:5.13 (1904.4) “E, agora, declaro-vos que, se eu for elevado na Terra e nas vossas vidas, atrairei todos os homens para mim e para a fraternidade do meu Pai. Haveis acreditado que o Libertador iria residir para sempre na Terra, mas eu declaro que o Filho do Homem será rejeitado pelos homens, e retornará para o Pai. Por pouco tempo mais permanecerei convosco; apenas por pouco tempo a luz da vida estará com essa geração cheia de trevas. Caminhai, enquanto ainda tendes essa luz, para que a escuridão e a confusão vindouras não vos colha de surpresa. Aquele que caminha na escuridão não sabe para onde vai; mas se vós escolherdes caminhar na luz, tornar-vos-eis de fato filhos libertados de Deus. E, agora, vinde todos vós comigo para irmos de volta ao templo e para que eu diga palavras de adeus aos principais sacerdotes, escribas, fariseus, saduceus, herodianos e aos dirigentes ignorantes de Israel”.

174:5.14 (1904.5) Tendo assim falado, Jesus conduziu a todos pelas ruas estreitas de Jerusalém, de volta ao templo. Haviam acabado de ouvir o Mestre dizer que deveria ser esse o seu discurso de despedida no templo, e eles o seguiram em silêncio e meditando profundamente.